



Histórias de vida como recurso persuasivo em um jornal rural

Andréa Franciéle Weber e
Nina Célia Almeida de Barros

Resumo: Este artigo apresenta os resultados parciais de um estudo sobre o discurso de reportagens que relatam a história de vida de produtores rurais publicadas por um jornal de cooperativa agropecuária. Para tanto, foram realizadas uma análise discursiva baseada na Teoria Lingüística da Valoração e a análise do conteúdo das reportagens. Os resultados indicam que as narrativas abordam temas de interesse da cooperativa e da extensão rural brasileira. Também fornecem um modelo de produtor rural e ativam valores de julgamento, os quais constituem estratégias persuasivas do texto.

Palavras-chave: Discurso - Extensão Rural - Imprensa.

Abstract: This article presents the partial results of a study about the discourse of reports that relate farmers' life-stories published in an agricultural co-operative society journal. In order to perform their study were realized a speech analysis based on the Appraisal Linguistic Theory and a content analysis. The results indicate that the narratives present subjects that be of interest to co-operative and Brazilian agricultural extension. Also it offers a farmer pattern and activates judgment values, which are persuasive strategies of the text.

Key Words: Discourse - Agricultural extension - Press.

Resumen: Este artículo presenta los resultados parciales de un estudio acerca del discurso de reportajes que relatan la historia de vida de productores rurales publicadas en un diario perteneciente a una cooperativa agrícola. Para realizarse el estudio, fue efectuado un análisis discursivo basado en la Teoría Lingüística de la Valoración y en el análisis de contenido de los reportajes. Los resultados señalan que las narrativas remiten a temáticas de interés de la cooperativa y de la extensión agrícola brasileira. También ofrecen un modelo del productor rural y activan evaluaciones de juicio, las cuales son estrategias persuasivas del texto.

Palabras clave: Discurso - Extensión Rural - Prensa.

Andréa Franciéle Weber é Jornalista pela UFSM; Mestranda em Letras, área de concentração em Lingüística, pela UFSM. *e-mail:* weber@mail.ufsm.br

Nina Célia Almeida de Barros é Doutora em Lingüística Aplicada pela PUC-RS; Professora Adjunta do Departamento de Letras Vernáculas e do programa de pós-graduação em Letras da UFSM. *e-mail:* ninaceliabarros@uol.com.br

Introdução

Extensão e comunicação rural são práticas fortemente relacionadas que atuam juntas com o mesmo objetivo: modificar a realidade do campo. As razões pelas quais tal realidade deve ser alterada são prioritariamente de ordem econômica, aumentar a produção e a produtividade agrícola, mas também envolvem melhorias sociais para o produtor rural. Apesar da clareza dos objetivos, definir extensão e comunicação rural separadamente não é uma tarefa fácil, porque entram em jogo diferentes noções de extensão, educação, comunicação. Há quem argumente que, embora fosse inicialmente apenas informativa (estender conhecimento científico ao campo), hoje a extensão rural constitui um processo educativo. Outros dirão que a comunicação dialógica é base de toda e qualquer educação. E outros ainda, que a comunicação rural pode ser dialógica ou realizada através de meios de comunicação não-dialógicos, como jornais, televisão, rádio, etc. Também se questiona se a comunicação rural é que faz parte da extensão ou vice-versa.

Como nosso intuito neste estudo não é esclarecer o conceito, mas sim compreender a prática, optamos por definir extensão rural como um conjunto organizado e institucionalizado de práticas que visam a interferir sobre a realidade agrária. Por comunicação rural, entendemos os meios, os recursos, os veículos comunicativos utilizados para alcançar o público-alvo da extensão. Para compreender melhor esses conceitos e, principalmente, para entender como eles se concretizam na prática, é interessante observar as transformações pelas quais passaram os objetivos e as estratégias comunicativas da extensão e da comunicação rural ao longo dos anos no Brasil.

Os serviços de extensão rural brasileiros foram oficialmente instituídos na década de 40 do século passado com a criação de órgãos públicos responsáveis por melhorar a os índices de produção agrícola, apesar de terem existido anteriormente várias tentativas isoladas, governamentais ou não, de fazê-lo (DUARTE, 2005). Ao longo dos anos, porém, os objetivos desses órgãos (e de

outros públicos e privados) vêm sendo constantemente alterados, não em seu fim mais amplo, mas em suas metas específicas, seja devido às transformações conjunturais pelas quais o meio rural passa, seja por causa das mudanças conceptuais acerca do que é o meio rural, de quem é o homem que nele vive, do que é melhor para ele e para o agronegócio do país.

Até por volta da década de 50, a agricultura não foi prioridade na política governamental brasileira, devendo apenas dar sustentação ao processo de industrialização do país -esse sim prioritário- fornecendo matéria-prima para as indústrias e alimentos mais baratos para o operariado (FONSECA, 1985). Em seguida, a agricultura passou a ter importância por si só enquanto setor da economia nacional, o que levou a extensão e a comunicação rural a investir em estratégias consideradas eficientes para o aumento da produção e da produtividade agrícola, tais como a introdução de novas práticas e produtos na agricultura e o desenvolvimento no produtor rural de qualidades como a inclinação para o risco e a racionalidade técnica e econômica. Essas idéias se enquadram em um modelo de extensão/comunicação chamado de difusionismo (BORDENAVE, 1988).

No entanto, a situação do produtor brasileiro era tão precária que logo os serviços de extensão tiveram que se deter em problemas muito mais básicos que o da produção agrícola, como o da difusão de medidas de higiene, de economia doméstica e de outras que melhorassem a qualidade de vida do homem rural e garantissem sua entrada no ritmo e na dinâmica da sociedade de mercado (FONSECA, 1985).

Atualmente, as preocupações são outras. A extensão rural brasileira delinea-se hoje na direção da qualidade da produção, da preservação ambiental, da competitividade e da sustentabilidade do desenvolvimento, privilegiando a qualidade de vida da família rural e o aprimoramento de sua base produtiva. É também uma grande preocupação a manutenção do jovem rural no campo (OLINGER, 2001). Essas novas perspectivas surgem

emparelhadas a um novo sujeito rural que, devido às mudanças ocasionadas pelo próprio desenvolvimento econômico do campo e pelo avanço e popularização das tecnologias de comunicação, já não é mais um indivíduo em situação de isolamento, dependente dos serviços de extensão rural, que está no extremo oposto da urbanidade e desligado dos acontecimentos do mundo (DUARTE, 2005).

Se mudaram os objetivos da extensão rural ao longo dos anos, também foram modificadas as estratégias comunicativas utilizadas para atingir agricultores e pecuaristas. O difusionismo, primeiro modelo adotado pelo Brasil, colocava forte ênfase na comunicação, tanto das informações necessárias para avaliar e aplicar inovações, quanto das mensagens motivadoras e persuasivas que promovem uma atitude inovadora geral, isto é, uma disposição favorável a considerar mudanças nos sistemas de produção. Por isso, utiliza intensamente técnicas da publicidade comercial e trabalha através do uso combinado, intenso e concentrado de mensagens e meios em uma região limitada. O foco, nesse modelo, como se observa, é na mensagem e não no homem (BORDENAVE, 1988).

O difusionismo também supõe o estabelecimento de uma cadeia eficiente de transferência de tecnologia, que inicia na investigação científica básica e aplicada realizada nos centros de pesquisa, passa pelos extensionistas e meios de comunicação até chegar aos produtores rurais. Em seguida, foram acrescentados a esses agentes de difusão os líderes naturais (moradores respeitados de cada comunidade) e a formação de grupos instrumentais, como comitês locais, conselhos de desenvolvimento, clubes de mães, etc. Essas práticas de comunicação interpessoal não eram, porém, promovidas para servirem como instrumentos de organização, mas de persuasão (BORDENAVE, 1988).

Como não surtiu os resultados esperados, logo, no Brasil, a obsessão pelos meios diminuiu, passou-se a pensar mais nos efeitos das mensagens e os recursos midiáticos foram reduzidos a uma função de apoio aos agentes de extensão. Também surgiu a idéia de que era

preciso conhecer as características psicológicas, sociológicas, econômicas e culturais do público rural, para poder desenvolver uma comunicação mais eficaz (BORDENAVE, 1988). Mesmo assim, a comunicação rural continuou sendo um processo unilateral, de transmissão de conhecimento dos cientistas, administradores, políticos e técnicos para o produtor.

Esse modelo passou a ser criticado somente por volta da década de 70, especialmente voz do educador Paulo Freire (1964), que defendia não ser adequado buscar depositar conhecimentos técnicos na mente do produtor rural (educação bancária), mas sim educá-lo, desenvolver nele consciência e autonomia, com as quais ele seria capaz de realizar uma transformação estrutural no campo. Para tanto, é necessário levar em conta a experiência e as aspirações individuais e coletivas das pessoas envolvidas.

Atualmente, observa-se que a crença no poder dos meios de comunicação diminuiu consideravelmente e que é quase consensual entre pesquisadores que mudanças efetivas na realidade rural que vão além da modernização só podem ocorrer através da chamada comunicação horizontal ou participativa. Contudo, ainda é grande o número de veículos informativos utilizados para executar tarefas de extensão e comunicação rural, alguns de muita qualidade e eficiência, outros, usados para reduzir gastos com pessoal e para dar visibilidade à instituição que os produz.

Os jornais de cooperativas agropecuárias são exemplos de veículos de extensão rural, mesmo que, além da extensão propriamente dita, promovam também o marketing interno e externo da instituição. E é sobre o jornal impresso de uma dessas cooperativas que trataremos daqui por diante. Este artigo apresenta os resultados parciais de um estudo¹ sobre o discurso de reportagens que contam histórias de vida (daqui por diante abreviadas por RHV) e que são veiculadas por um jornal agrícola (aqui denominado R) produzido por uma cooperativa agropecuária (C) do estado de Santa Catarina. O corpus

de análise foi constituído por 23 reportagens, que configuram o total publicado por R no ano de 2005, às quais foi aplicado uma análise de conteúdo e uma análise do discurso baseada no referencial teórico-metodológico da Teoria Lingüística da Valoração. Além disso, observação participante e entrevistas com produtores e público do jornal foram técnicas etnográficas utilizadas para fornecer informações contextuais sobre o objeto de estudo.

O conteúdo das reportagens: a trajetória de sucesso do homem rural

Contextualizando - Antes de iniciar a análise a exposição dos resultados da análise do conteúdo das reportagens, é interessante apresentar algumas características do jornal e, principalmente, do seu público-leitor, porque elas guiam, em grande parte, a seleção e a organização desse conteúdo. Vale destacar também que os personagens das reportagens (os entrevistados principais) aqui analisadas são homens idosos criteriosamente escolhidos pela cooperativa- e não pelos jornalistas- para participar da reportagem, de modo que somente os produtores rurais bem-sucedidos terão sua história recontada. A cada edição de R são apresentadas uma ou duas RHV reunidas em uma série denominada “Colheitas do Tempo”.

R circula mensalmente, com uma tiragem de cerca de 15 mil exemplares, nas regiões oeste, extremo-oeste e planalto-norte do estado de SC. Ele é destinado principalmente aos produtores rurais associados à cooperativa C, que o retiram gratuitamente nas filiais da instituição, mas 5% dos exemplares também circula no meio urbano. Os produtores rurais associados à C são, em sua grande maioria, minifundiários, cujas propriedades têm aproximadamente 20 hectares, que utilizam mão de obra familiar para o trabalho agrícola.

De modo geral, o grau de escolarização desse público é muito baixo, especialmente entre homens adultos e idosos. Os leitores de R são também descendentes de imigrantes italianos, alemães e poloneses que não passaram por um processo muito acentuado de miscigena-

ção e que ainda conservam significativamente suas línguas e costumes. Por fim, os idosos, que são os personagens principais das reportagens de história de vida, têm em torno de 70 anos de idade e a maioria deles migrou do Rio Grande do Sul na sua juventude em busca de terras para cultivar no estado de Santa Catarina.

O conteúdo - Com relação ao conteúdo das RHV, ele é muito semelhante em todas as reportagens, não só por seu objetivo evidente que é contar os acontecimentos da vida de uma pessoa, mas pela semelhança entre as experiências dessas pessoas e pelo caminho similar pelo qual o repórter conduz as histórias.

A similaridade das trajetórias de vida dos idosos entrevistados ocorre porque eles têm mais ou menos a mesma idade, profissão, grau de escolaridade, cultura, posição social, relação com a região em que vivem, entre outras características. São sempre histórias de desbravadores, de colonizadores de um território até então inexplorado, que nele chegaram por volta da década de 50 do século passado.

Mas as histórias das RHV são parecidas também porque o repórter as conduz por um mesmo caminho, isto é, incita determinadas temáticas, direciona a entrevista para certos aspectos da vida do entrevistado. Esses aspectos são basicamente seis: o da vida familiar, o das posses, o do trabalho, o da adoção de tecnologia, o do cooperativismo e o da preservação ambiental. Comentemos cada um deles.

Tradicionalmente conservador e dependente do trabalho dos membros da família na propriedade, o meio rural, especialmente o que está em questão, valoriza muito a instituição familiar. Por isso, as reportagens contemplam ano de casamento, nome da esposa, nome e profissão dos filhos, etc. Também filhos e esposa contribuem com depoimentos, apesar de o protagonista da história geralmente ser o homem, o pai de família, o chefe da propriedade. As fotografias são significativas nesse sentido: grandes, coloridas e posadas, sempre trazem o personagem principal -geralmente sentado em uma varan-

da- ao lado de sua família, que inclui esposa, filhos e até irmãos, netos, genros e noras.

Outra temática recorrente é a descrição das poses, dos bens agrícolas, do personagem, que servem como um exemplo concreto da mudança de situação econômica pela qual ele passou. Iniciando a vida como agregados ou com poucos hectares de terra, em um galpão de madeira improvisado para morar, os produtores possuem hoje muito mais que isso: vários hectares, máquinas agrícolas, um bom número de animais, atividades diversificadas, casas confortáveis e assim por diante. Tudo alcançado com trabalho, adoção de tecnologia e espírito cooperativista.

O trabalho, o esforço, a persistência, o sofrimento necessário às conquistas são muito enfatizados pelas RHV. O trabalho árduo, sem a ajuda de recursos tecnológicos, a carência de infra-estrutura, a falta de comodidade dos tempos antigos servem como exemplo para os mais jovens que se queixam da dificuldade em trabalhar a terra atualmente. Além disso, insinuam que não se deve esperar por resultados fáceis, que o caminho certo é o da persistência. Como é comum entre os descendentes de europeus, o trabalho é um dos valores mais importantes para esse grupo social, além de ser um valor muito conveniente para os interesses da cooperativa, pois quem o adota trabalha mais, produz mais.

A adoção de tecnologia é outro fator, segundo as reportagens, que contribuiu para a melhoria de vida dos personagens. A tecnologia entendida não somente como aparelhos ou produtos tecnológicos, mas também como informação, conhecimento. Como os produtores rurais são comumente resistentes às novidades e tendem a reproduzir a forma de trabalho de seus pais, a extensão rural historicamente teve dificuldades para inserir as inovações tecnológicas nesse meio, bem como para fazer os produtores acatarem as orientações dos profissionais das ciências agrárias. Por isso, a ênfase do jornal em mostrar que somente aqueles que adotam tais inovações conseguiram progredir.

Os entrevistados, como já explicado anteriormente, são sócios da cooperativa C cuidadosamente escolhidos para participar das RHV. Hoje sócios da cooperativa C, mas no passado, sócios até de outras cooperativas. Na reportagem, participar do sistema cooperativista sempre foi fundamental para o sucesso do personagem na atividade agrícola. Algumas vezes, é um funcionário da instituição, que não o jornalista, quem fala sobre cooperativismo ou sobre o papel exemplar do entrevistado como cooperativista. Com essa temática, evidentemente, há uma tentativa de C em manter e obter sócios, bem como de fazer com que eles sejam fiéis a ela na compra e venda de produtos, já que a infidelidade vem sendo um grande problema para as instituições desse gênero.

Por último, o aspecto da preservação ambiental. Devido ao esgotamento dos recursos naturais ocasionados, inclusive, pela própria atividade agrícola, a preservação ambiental vem sendo um assunto cada vez mais recorrente no âmbito da extensão rural. As RHV, acompanhando essa tendência, também elogiam aqueles que conservaram rios e trechos de mata, antes mesmo de haver leis protegendo a natureza e um discurso de preservação ambiental circulando socialmente.

Entre tantas semelhanças, o que há de diferente nessas histórias de vida está vinculado à esfera do particular, como saudosismos, doenças enfrentadas, objetos antigos conservados, atividades de lazer preferidas, sonhos realizados e não-realizados e outras áreas sociais em que o entrevistado obteve destaque.

Para ilustrar e aprofundar as informações acima expostas, apresentamos uma análise do léxico empregado na construção das reportagens de história de vida. Na verdade, observamos e classificamos em campos semânticos os termos repetidos com maior frequência nas reportagens.

Empreender: As RHV apresentam termos da ordem do *empreender*, como *trabalhar*, *esforçar*, *investir*, *produzir*, *prosperar*, *desbravar*, *arriscar*, *tecnologia*, *resultados*, *informação*, *apos-*

tas, sucesso, servir de exemplo. Esse campo semântico é o mais abundante e está sempre relacionado ao sucesso da atividade agrícola. É como se ele formasse no texto uma equação matemática: trabalhar+inves-tir+produzir...+ tecnologia+informação = prosperar na agricultura. Merece destaque o termo “trabalho”, cujo conceito é tratado como uma virtude importantíssima do ser humano;

Mudar: Termos da ordem do *mudar*, como *evoluir, melhorar, transformar, diferente, mente aberta, melhoria, mudanças*, também estão muito presentes nas reportagens. Os significados que envolvem mudança têm relação direta com os de empreendimento, por duas razões: 1) o produtor, protagonista de sua história, sempre *muda* de *status* econômico, sempre *melhora, evolui*, etc.; 2) mas para alcançar esse novo *status*, antes ele precisou *mudar, evoluir, diferir, transformar*, sua forma de pensar;

Cooperar: Outra categoria é da ordem do *cooperar*, como *participar, unir, ajudar, parceria, auxílio, união, sócio, associar, cooperativista, Cooperativa*. Cooperar significa no texto mais um componente da fórmula, junto com o empreendimento e a mudança, para o sucesso do produtor rural. Além disso, conduz diretamente ao fator cooperativa, cuja promoção é um dos fins da publicação;

Destruir/ retroceder: Termos da ordem do *destruir/ retroceder*, como *abandonar, desmatar, prejudicar, perder, divisão, dificuldades, crise, dívidas, problema, difícil, “não é um mar de rosas”, nada fácil*, expressam as barreiras que o produtor teve que transpor para melhorar economicamente e, no discurso, serve para alertar que o sonho da mudança de vida é difícil e exige esforço. Também estão associados à temática ambiental.

Sentimentos e virtudes: Por fim, há os termos relacionados a *sentimentos e virtudes*, como *gosto/gostar, felicidade, sofrimento, admiração, coragem, valentia, justo, acreditar, sonhar, orgulhar-se, desistir, paciência, responsabilidade*. Os sentimentos e virtudes que fizeram parte da trajetória de vida do entrevistado e os sentimentos que ele desperta nos outros também constituem um campo conceitual específico, o qual colabora para humanizar e dar emoção à narrativa.

Alguns títulos das reportagens analisadas nos fornecem uma idéia do emprego desses termos:

Fidelidade, apesar da distância;
A caminho do Paraíso;
Mais que uma pedra no meio do caminho;
“Meu lampião a gás...”;
Saudade do canto dos passarinhos;
Saúde e disposição aos 74 anos;
O sonho era voar;
Herói desde pequeno;
Pedro Beal tem saudades do passado;
Relíquias que funcionam;
Coragem e valentia na chegada;
A cara da coragem;
Cabeça nas nuvens e pés firmes no chão;
Sem medo do cooperativismo.

Os índices de avaliação¹

1 Essa análise tem como base a Teoria da Valoração, cujos conceitos e modelos de análise foram extraídos de WHITE WHITE, P.R.R., 2004 e MARTIN & WHITE, 2005. A descrição da teoria não aparece neste artigo por uma questão de espaço e conveniência.

As RHV permitem a manifestação de quatro vozes no discurso: a do próprio jornalista, a do protagonista da história, a de um ou mais familiares e a de um funcionário da cooperativa C. Em todos os exemplares têm voz o protagonista e o jornalista e, na grande maioria, porém não necessariamente em todas, têm voz os familiares e o funcionário da cooperativa. A voz do jornalista é a única que não vem marcada por aspas, sinalizando transcrição ou cópia, citação direta, e é a que predomina no texto por exercer um papel equivalente ao de narrador. Contudo, os fragmentos que aparecem entre aspas (do protagonista, familiares e funcionário) não são transcrições *ipsis literis*, pois os jornalistas não costumam gravar os depoimentos, mas apenas anotá-los no decorrer de uma conversa relativamente informal, que freqüentemente ocorre acompanhada de chimarrão e doces caseiros. Sobre esse último ponto, há nas reportagens citações diretas cuja autoria é atribuída a duas pessoas ao mesmo tempo.

A seguir, temos alguns exemplos de como podem se manifestar essas vozes no discurso das RHV.

Conforme o gerente da [C] em Bela Vista do Toldo, Jair Daniel Vicente, Irineu é um exemplo na região. “Seu vínculo com o cooperativismo é muito forte. Ele acreditou na [C] desde o início”. (R, abril, 2005, p. 27)

Exemplo 1- Depoimento de funcionário

Os filhos demonstram nas palavras o orgulho que têm do pai. “Nosso pai nos orgulha muito, sempre pensou no futuro de forma positiva” (R, fevereiro, 2005, p.12).

Exemplo 2- Depoimento dos filhos

Mas Clementina atesta que ele foi um bom pai.”Ele nunca bateu nos filhos. Se eu queria dar um tapa, tinha que ser escondido dele”, recorda. (R, setembro, 2005, p.27)

Exemplo 3- Depoimento de esposa

“Já sou aposentado, podia ficar o dia inteiro na bodega, mas prefiro me dedicar ao trabalho. Eu gosto da terra”. (R, janeiro, 2005, p. 21)

Exemplo 4- Depoimento do protagonista

Mais tarde, finalmente surgia o cooperativismo - um porto seguro para os agricultores da região (R, março, 2005, p. 22) .

Exemplo 5- Depoimento do jornalista

Grande parte das informações apresentadas nas RHV pode ser classificada como *avaliações explícitas ou implícitas*. Geralmente, as avaliações implícitas são ativadas pelo repórter ao contar “neutralmente” os fatos da vida do protagonista da história e estão relacionadas a *valores de julgamento*, isto é, atribuídos a um ser humano com base em normas e valores sociais.

O jornalista enquanto profissional é perseguido pelo fantasma da neutralidade e da objetividade, o que provavelmente faz com que ele disfarce, evite ou reduza enunciados valorativos explícitos. Certamente, a neutralidade e a objetividade (ou a aparência de) é, além de um juramento profissional, uma exigência dos próprios veículos de comunicação, que dependem disso para ter credibilidade junto ao público. Mesmo nos veículos produzidos por assessorias de imprensa, como o analisado, o jornalista é compelido a manter (ou aparentar) sua tradicional postura neutra e objetiva, mesmo que não em todas as situações e não de forma tão rígida como nos veículos autônomos.

Um dos momentos do texto em que essa neu-

tralidade parece acontecer é no relato dos fatos da vida do personagem, ao fornecer informações sobre quando e onde nasceu, quando veio para seu atual local de moradia, como foram seus primeiros anos nesse local, quais eram seus objetivos na juventude, que fatos importantes ocorreram ao longo de sua vida, sob que condições começou a trabalhar no campo, como se encontra hoje, e assim por diante. No entanto, muitas das informações históricas podem ser consideradas *juízos implícitos*, justamente porque são capazes de ativar juízos sobre o personagem e sobre a cooperativa – positivos sempre – na mente do leitor. Além disso, essa ativação de juízos positivos sobre o produtor rural entrevistado não é involuntária, ou seja, o repórter não está apenas contando a verdade sem importar-se sobre os julgamentos que ela pode despertar, pelo contrário, personagem, fatos e forma de exposição dos fatos são cuidadosamente escolhidos para acionar tais juízos. Veja-se o exemplo abaixo:

Lazarotto conta que os primeiros anos nas terras catarinenses não foram nada fáceis. Não havia estrada, só atalhos estreitos abertos no mato a golpes de facão. Não havia carro e, em caso de doença, o jeito era pôr o pé na estrada, enfrentar a escuridão e os bichos do mato. No entanto, tudo valia por um pedaço de chão fértil. O produtor da série ‘Colheitas do Tempo’ disse que se naquele tempo existisse um pouco da tecnologia de hoje, tudo seria mais fácil (R, dezembro de 2005, p. 14)

Exemplo 6- Julgamento implícito

Nesse fragmento, que conta as experiências do Sr. Lazarotto em seus primeiros anos em Santa Catarina, o protagonista é elevado à categoria de herói: enfrentou corajosamente inúmeros desafios e viveu muitas aventuras, tudo para conquistar um pedaço de terra e poder nele plantar e colher. Esse relato também chama a atenção daqueles e para aqueles que, hoje, tendo terras, abandonam o campo.

Outras vezes, o repórter abandona o ideal de neutralidade e avalia abertamente um fato, um indivíduo ou um estado da realidade. No fragmento seguinte, o jornalista realiza um *juízo explícito* acerca de seu José, ao descrevê-lo como uma pessoa de boa índole e querida pelos demais.

Seu José gosta da política séria e transparente. Ele prefere estar de bem com as pessoas e com a consciência tranqüila a ter que se utilizar da política em benefício próprio. É uma pessoa de boa índole e querida da população. Durante os oito anos de política, sempre trabalhou pensando no bem comum dos cidadão (R, junho, 2005, p. 15).

Exemplo 7- Julgamento explícito

Além dos julgamentos implícitos e explícitos ativados pelo jornalista ao narrar fatos, outros julgamentos ocorrem em abundância durante o texto, na voz de familiares, funcionários da instituição e do próprio protagonista da história. Os juízos envolvem tanto *estima* quanto *sanção social* e são invariavelmente positivos quando se referem ao protagonista da história ou a seus familiares, podendo ser negativos quando se referem a outras pessoas (de um modo não especificado) que estão fora da história.

De acordo com a Teoria da Valoração, nos julgamentos de sanção está em jogo certo conjunto de regras ou regulamentos codificados mais ou menos explicitamente pela cultura, que podem ser legais ou morais. Contra-riar uma sanção é arriscar-se ao castigo legal ou religioso, por exemplo. Já a estima social envolve avaliações segundo as quais a pessoa julgada terá uma estima mais alta ou mais baixa em sua comunidade, por optar por atitudes a-conselháveis ou desaconselháveis, mas sem implicações legais ou morais.

Os fragmentos a seguir são exemplos de julgamentos que envolvem estima e sanção social.

Destacou-se também por ser por ser um produtor consciente, pois sempre preocupou-se (sic) em reflorestar determinadas áreas de sua propriedade (R, junho,2005,p.15)

Exemplo 8- Estima social positiva: consciente

Na opinião do gerente da filial de Espuma, N. P. R., é de associados assim que a cooperativa precisa para se desenvolver e se manter firme nos seus propósitos. “Ele é cooperativista de verdade, nunca desviou um leitão” (R, junho, 2005, p. 5).

Exemplo 9- Sanção social positiva: honesto

“Hoje em dia as pessoas querem muito mais com menos esforço” (R,maio,2005,p.16).

Exemplo 10- Estima social negativa: acomodação, preguiça

As RHV também ativam significados de *apreciação e afeto*, estes, frequentemente de forma explícita. Conforme a Teoria da Valoração, o afeto tem a ver com a resposta emocional, com a postura que o falante adota frente a um determinado fenômeno. A apreciação, por sua vez, é o sistema pelo qual são estabelecidas avaliações de produtos e processos em termos de valores estéticos e categorias de avaliação social (como *importante, prejudicial*). Humanos podem ser apreciados apenas do ponto de vista estético.

O Rio Bonito fazia jus ao nome. “Era lindo, de águas cristalinas. Comíamos peixe à vontade. Hoje, está cheio de terra e veneno. O Rio Bonito perdeu a beleza” (R, abril, 2005, p.27).

Exemplo 11– apreciação

Lá no Rio Grande, as terras onde morava a família Gollub eram muito dobradas e, portanto, pouco favoráveis à produção de grãos (R, março, 2005, p.24).

Exemplo 12– apreciação

No exemplo 11 temos uma apreciação, em citação direta, do entrevistado sobre o Rio Bonito, que corta suas terras e com o qual conviveu desde sua infância. Já no exemplo 12, o jornalista faz uma apreciação das terras que possuía o protagonista da história no Rio Grande do Sul, avaliando-as como dobradas (montanhosas) e pouco propícias para o cultivo de grãos. Contudo, o contexto nos permite deduzir que essa apreciação, embora transcrita na voz do jornalista, quem realmente efetuou foi o protagonista da história, o Sr. Gollub. Nesse caso, fica a dúvida a quem remeter a avaliação. Nas demais RHV, haverá outros casos semelhantes, alguns deles facilmente solucionáveis, outros que deixarão o analista em dúvida sobre quem efetuou a avaliação. Tomemos o próprio exemplo 7, em que consideramos *boa índole e querido da população* avaliações do jornalista. Quem garante que o próprio entrevistado não se avaliou assim?

Sobre as avaliações de afeto, observem-se os exemplos a seguir.

Gema vive com a casa cheia. “Minha maior alegria é ter visitas, meus filhos e netos aqui” (R, maio, 2005, p. 15).

Exemplo 13 – afeto

José e Otília são aposentados, mas ambos preferem levar a vida se sentindo útil (sic) (R, maio, 2005, p.16).

Exemplo 14 – afeto

“Além de dignificar o homem, o trabalho favorece a circulação do sangue” comentou o produtor (R, Maio, 2005, p. 16).

Exemplo 15 – apreciação e julgamento

Com relação ao exemplo 13, a avaliação afetiva ocorre quando Dona Gema, a única mulher protagonista de uma RHV no corpus analisado, expressa numa citação direta que sua maior alegria é ter visitas, filhos e netos em casa. Outras avaliações desse tipo são expressas na voz do jornalista, como no segundo fragmento 14, no qual o afeto é marcado pelo termo “preferem” e “se sentindo útil”.

Até mesmo as avaliações de apreciação e de afeto, muitas vezes, têm um fim último de julgamento. No fragmento 15, por exemplo, temos uma apreciação sobre o trabalho, mas vemos que, por ser o trabalho um valor positivo e aceito socialmente, elogiar o trabalho é adjetivar-se de trabalhador e esquivar-se de valorações extremamente negativas como vadio, preguiçoso. Assim, pressupõe-se a existência de outros que são preguiçosos e estabelece-se uma distinção entre indivíduos ou grupos sociais, na qual os trabalhadores recebem maior estima social. Para o jornal aí está mais uma característica do agricultor ideal, adequado ao grupo social a que pertence e para quem deve ser exemplo.

Considerações finais

Partindo do conhecimento sobre as transformações pelas quais passaram a extensão e a comunicação rural ao longo dos anos, especialmente no que se refere aos seus objetivos e suas estratégias comunicativas, a análise do conteúdo das reportagens de história de vida do jornal R nos indica que este reproduz, pelo menos parcialmente, o discurso da extensão rural brasileira atual. Temas como preservação ambiental, permanência do jovem no campo e adoção de tecnologia estão presentes

nos relatos das RHV e são também preocupações das instituições envolvidas com serviços de extensão. Persuadir os agricultores a adotar tecnologia está na origem desses serviços e continua sendo um objetivo até hoje. Já as temáticas de preservação ambiental e manutenção do jovem no campo foram recentemente introduzidas no discurso extensionista nacional para solucionar problemas bem contemporâneos, que são o êxodo rural e a degradação do meio ambiente.

Já temas como família, trabalho e cooperativismo estão relacionados mais diretamente à realidade local e ao público do jornal R. Eles têm o objetivo claro de difundir ou resgatar valores, os quais são considerados importantes para o progresso social e também para os interesses da cooperativa. Por outro lado, conferem uma boa descrição de quem é o produtor rural que se associa à cooperativa, das mudanças pelas quais o campo passa e da história da última região do estado de Santa Catarina a ser colonizada.

Observando a construção do discurso das RHV podemos perceber que a principal estratégia retórica é o argumento pelo exemplo (REBOUL, 2000), isto é, a reportagem fornece um modelo de produtor rural a ser seguido pelos demais. Utilizando um modo narrativo, que lhe confere um tom aparentemente despretensioso, o relato, na verdade, é conduzido de forma a suscitar temas de interesse da instituição, ainda que envoltos por personagens diferentes e fatos variados. Essa estrutura pode ser, levando em conta o público leitor, muito mais didática e mais eficiente que uma argumentação propriamente dita.

A análise das avaliações ativas pelo texto mostra que o modelo de produtor rural é apresentado principalmente através de julgamentos, sejam eles implícitos ou explícitos. Esses julgamentos são sempre positivos para aquele cuja história está sendo relatada e negativos para os “outros”, ou seja, àqueles que têm valores e histórias de vida diferentes. São julgamentos que envolvem tanto estima quanto sanção social, recorrendo a valores como honestidade, moralidade, respeito, justiça e seus opostos

para sanção; e valores como coragem, força, confiança, perseverança, trabalho e seus opostos para estima. Embora ainda não existam dados suficientes para confirmar a tese seguinte, as RHV aparentam ativar maior número de julgamentos envolvendo estima que sanção social, procurando, com isso, demonstrar que adotar certos valores e atitudes contribuem, também, para melhorar a imagem do indivíduo perante seu grupo social.

Então, muito mais que contar histórias de vida, essas reportagens contribuem para modificar as opiniões e sentimentos do produtor rural, levando-o a refletir sobre suas próprias posturas. Essa reflexão poderá resultar em interferências na realidade agrária que vão ao encontro dos interesses de setores ligados ao meio rural e até da sociedade como um todo. Sem entrarmos na discussão da presença ou ausência de dialogicidade e da (in) conveniência de um jornal impresso junto a um grupo pouco escolarizado, podemos concluir que enquanto estratégia de comunicação com o meio rural, as reportagens analisadas demonstram ser instrumentos bem-elaborados e aparentemente eficazes, do que a boa aceitação por parte do seu público leitor pode ser um indício.

Bibliografia

- BORDENAVE, J. E. D. *O que é comunicação rural*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- DUARTE, J. Comunicação e transferência de informação tecnológica para o agricultor: caso brasileiro. In: Comunicação em agribusiness & meio ambiente, v. 2, n. 2, julho de 2005. Disponível em <http://www.agricoma.com.br/revanteriores.htm>, acesso em: 14 abr. 2006
- FONSECA, M. T. L. *A extensão rural no Brasil: um projeto educativo para o capital*. São Paulo: Loyola, 1985.
- FREIRE, P. *Extensão ou comunicação?* 10ed. Rio de Janeiro: Terra e paz, 1977.
- MARTIN, J.R & WHITE, P.R.R. *The language of evaluation: appraisal in english*. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2005.
- OLINGER, G. *Extensão rural: verdades e novidades*. Florianópolis: EPAGRI, 1998.
- REBOUL, O. *Introdução à retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- WHITE, Peter R.R. Um recorrido por la teoría de la valoración. Elsa Ghio (trad). Disponível em <http://www.grammatics.com/appraisal/>. Acesso em: 23 maio 2006.
- WHITE, P.R.R. A linguagem da valorção e da perspectiva. Débora de Carvalho Figueiredo (trad.), Linguagem em (Dis)curso, Tubarão-SC, v. 4, número especial, 2004. Disponível em <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/revista/revista.htm> Acesso em: 1 jun. 2006.